

# RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E PARADIGMÁTICAS EM CRIANÇAS COM FALA SINTOMÁTICA<sup>1</sup>

Natália Faloni COELHO<sup>2</sup>

## RESUMO

Visando a uma maior compreensão de aspectos lingüístico-discursivos do funcionamento da linguagem em contextos categorizados como patológicos, a pesquisa visou investigar de que modo(s) se dão as relações sintagmáticas e paradigmáticas em enunciados falados produzidos por crianças com diagnóstico fonoaudiológico de distúrbios de linguagem. Foram extraídos dados de gravações de sessões de fonoterapia de duas crianças com esse diagnóstico. Nesses dados, verificamos: (1) dificuldades de organização interna de enunciados e de concatenação de enunciados; (2) dificuldades mais características de cada criança; e (3) predomínio de dizeres justapostos, em ambas as crianças, em relação a encaixes de dizeres. Nossos resultados apontam, predominantemente, para uma constituição fragilizada da instância do “eu” que enuncia, na medida em que essa instância é responsável, na produção discursiva, pelo controle da deriva do dizer.

**Palavras-chaves:** Aquisição da linguagem. Discurso. Fala sintomática.

## Introdução

Ao verificar, em crianças com dificuldades de linguagem, o funcionamento dos eixos sintagmático e paradigmático da linguagem, nosso interesse foi vê-los na e pela atividade discursiva em si mesma, e em seus múltiplos aspectos, inclusive os de natureza mais conversacional. Trabalhos que enfocam o fundamento dialógico da linguagem, como os de Bahktin (1979 e 2000), e, principalmente, trabalhos que, inspirados nesse princípio do funcionamento da linguagem, enfocam a heterogeneidade constitutiva e mostrada na atividade enunciativa forneceram os alicerces teóricos mais essenciais de nossa pesquisa, em especial o trabalho de Authier-Revuz (1990).

O desenvolvimento de nossa pesquisa orientou-se pelos seguintes objetivos:

(a) levantar, na atividade enunciativa de duas crianças com diagnóstico de distúrbios da linguagem, suas dificuldades com o funcionamento dos dois eixos de organização dos elementos lingüísticos, a saber, o eixo sintagmático e o eixo paradigmático;

---

<sup>1</sup> Artigo baseado em resultados de pesquisa de iniciação científica com apoio CNPq/PIBIC. A pesquisa foi orientada pelo Dr. Lourenço Chacon.

<sup>2</sup> Discente do 4º ano do curso de Fonoaudiologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências – CEP 17525-900 – Marília – SP, e-mail: [natfalconi@yahoo.com.br](mailto:natfalconi@yahoo.com.br).

- (b) na medida em que o funcionamento desses eixos envolve processos de concatenação e de seleção de elementos lingüísticos, verificar se as dificuldades das crianças com esses processos se mostram de modo semelhante ou de modo peculiar a cada uma delas;
- (c) no que mais diretamente diz respeito ao eixo da concatenação, observar se há prioritariamente encaixes do *discurso de outrem* no discurso do sujeito ou se ocorre prioritariamente justaposição de dizeres.

## Metodologia

Foram utilizadas, para o desenvolvimento desse estudo, filmagens realizadas no Centro de Educação e Saúde da FFC/Unesp (o CEES), de sessões de fonoterapia (com cerca de 40 minutos cada) de duas crianças (A – sete anos; J – dez anos), ambas do sexo feminino, com diagnóstico fonoaudiológico de distúrbio de linguagem, atendidas individualmente por um estagiário do referido Centro.

O equipamento utilizado foi uma filmadora Gradiente GCP-185 CR com fita JVC modelo EGH *Hi-fi*. A estratégia verbal utilizada foi a conversação dirigida e semi-dirigida pelo terapeuta (uma estagiária do curso de fonoaudiologia), já que esta modalidade permite observar o domínio da língua pelo uso da própria língua. Essa estratégia foi, em muitos momentos, mesclada com atividades lúdicas, para facilitar a interação criança/estagiário.

## Resultados

Nossos resultados serão expostos de acordo com cada objetivo norteador do trabalho. Após a exposição dos resultados, formularemos hipóteses explicativas para eles.

Para melhor vermos os resultados associados ao primeiro objetivo, passemos a dados de ambos os sujeitos:

### Ocorrência 01<sup>3</sup>:

T: faz um desenho ... bem bonito

J: ((rabisca sobre o papel e solta o lápis))

---

<sup>3</sup> Duas observações são necessárias para a exposição das ocorrências dos sujeitos. A primeira é a de que, neste e nos demais exemplos, a inicial T designa a terapeuta de cada sujeito. A segunda é a de que, conforme a relevância da explicação, em alguns momentos, usaremos trechos das transcrições apenas com informações verbais; em outros, usaremos trechos com as transcrições verbais acompanhadas de informações não-verbais.

T: já fez o desenho?

J: por quê ... cê quer **isquevrê**?

Nesta ocorrência, vemos que a palavra “escrever”, pronunciada como [iskre've] na variedade lingüística das duas crianças, foi enunciada como [iske'vre]. Observa-se que todos os segmentos foram adequadamente selecionados, de acordo com a variedade lingüística da criança. No entanto, foram dispostos em desacordo com essa mesma variedade, o que indicia uma dificuldade de concatenação de elementos fonológicos na enunciação da palavra.

### **Ocorrência 02:**

T: esse colchão é de onde... hein?

**A: na SALA**

T: na sala ou no quarto?

**A: no quarto**

Nesta segunda ocorrência, diferentemente da primeira, o que se mostrou como mais problemático foi um processo de seleção de item lexical. Como se pode observar, entre elementos concorrentes de um mesmo campo paradigmático, ou seja, elementos em relação de paráfrase, numa mesma categoria semântica, a criança enuncia um que não se mostra adequado para a situação de enunciação em que estava – fato que nos remete à idéia de que o “não-afirmado precede e domina o afirmado” (PECHÊUX, 1975, p. 178).

Dessa forma, com relação ao primeiro objetivo que orientou nossa pesquisa, observamos situações como as que apontamos nos dados de nossos dois sujeitos. No entanto, embora tenham ocorrido dificuldades de seleção nos sujeitos, sua dificuldade de concatenação pareceu ser predominante.

Passemos aos resultados relativos ao segundo objetivo. Mais uma vez, partiremos de algumas ocorrências de ambos os sujeitos:

### **Ocorrência 03:**

T: tá então você não conseguiu ir ao shopping? ... mas você ficou em casa?

**A: fiquei**

T: é?

**A: é fiquei ( ) ... ô pai desculpa ((A. faz mudança de prosódia))**

T: você pediu desculpas para o seu pai depois?

**A: sim**

T: porque você tinha {(...)

A: {(ele:::) ele ficou triste ... **ai A::na vai para o seu quarto VAI** ((A. faz mudança de prosódia))

T: teu pai falou isso?

A: o quê?

T: para você ir para o seu quarto?

A: ele me xingou ... quase

T: e tua mãe?

A: falei ... **vai para o seu DORmir** ((A. faz cara de brava e mostra a língua))

T: ele falou tudo isso?

#### Ocorrência 04:

A: ai o papai pegou nosso dinheiro

T: anh::e agora?

A: a gente tira da mãe DELE

T: da mão dele?

A: é

T: como que a gente vai tirar o dinheiro da mão dele?

A: a gente tira assim

T: mas ele é um homem bom ou um homem mal?

**A: homem mal**

T: mas mãe porque você casou com ele então?

**A: porque ele é do bem**

#### Ocorrência 05:

|     |   |                                                          |                                                               |
|-----|---|----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| 224 | T | ah como que podia ser o nome dele?                       | A mexe no fantoche que possui aspecto de tucano.              |
| 225 | A | <b>José</b>                                              | Continua mexendo no mesmo fantoche.                           |
| 226 | T | mas José é esse                                          | <b>T mostra o fan-toche denominado José para A.</b>           |
| 227 | A | (e esse?)                                                | Continua mexendo no mesmo fantoche.                           |
| 228 | T | ah como que podia ... a gente podia colocar um nome nele | A continua me-xendo no mesmo fantoche.                        |
| 229 | A | <b>Amigo</b>                                             | Continua mexendo no mesmo fantoche.                           |
| 230 | T | mas Amigo é esse                                         | <b>T mostra para A o fantoche denomi-nado Amigo.</b>          |
| 231 | A | <b>a éh:::: pato PIU</b>                                 | A continua me-xendo no mesmo fantoche.                        |
| 232 | T | pato Piu é esse                                          | <b>T mostra para A o fantoche pato Piu.</b>                   |
| 233 | A | Ta                                                       | A continua me-xendo no fantoche que possui aspecto de tucano. |

#### Ocorrência 06

T: esse não é... ó J... ó vou fazer uma casa

**J: (vamos) fazer uma casa?**

T: vamos

**J: sítio do pica-pau amare:::la**

T: é a casa do sítio do pica-pau amarelo?

**J: o menino tá gritando?**

T: ó... uma casa

### **Ocorrência 07**

T: que que é? ... não é um espelho?

**J: ratinho**

T: você pegou um espelho?

**J: ratinho do gugu**

T: ah ... é a música que você viu no ratinho?

**J: o (gugu) caiu**

T: o Gugu?

**J: o Gugu ... o Gugu passou vídeo cassetada**

T: passou na vídeo cassetada o Gugu? ... eu acho que não hein

**J: ah ... ca ... caiu**

T: a vídeo cassetada é do Faustão

**J: caiu**

T: não é vídeo cassetada é do Faustão?

**J: (o Faustão) tá dando risada**

T: que que é isso que tá na sua mão ó? ... era daqui

**J: pererê e SAI fora ... sai ... que música é essa?**

T: ichi ... eu não sei não

Como se pode observar, embora haja dificuldades de concatenação nas duas crianças, a natureza da dificuldade se mostrou diferente. No sujeito A, essa dificuldade se mostrou tanto com relação à organização dos planos do discurso, como nos mostra a ocorrência 03, quanto em manter coerência entre as situações enunciativas-discursivas, aparecendo, assim, deslizes enunciativos-discursivos marcados em seus enunciados, como nos mostraram as ocorrências 04 e 05. Já no sujeito J, a dificuldade parece ser maior no encadeamento com o dizer do interlocutor, como nos mostraram as ocorrências 06 e 07.

Além dessa dificuldade de interlocução, a dificuldade de concatenação se mostrou em J também em planos da língua como o fonológico – como vimos na Ocorrência 01 e como veremos na Ocorrência 08 – e o sintático, como veremos, mais adiante, na Ocorrência 09.

### **Ocorrência 08:**

**J: a tia tá ti ... a tia tá tirando a fota**

Nessa ocorrência, envolvendo o plano fonológico da língua, observamos uma turbulência na progressão do sintagma que, aparentemente, é gerada pela recorrência de um mesmo elemento (fonológico) da cadeia do significante, o /t/.

#### Ocorrência 09:

**J:** cê quer (colchão) ... deitar?

Nesta última ocorrência, observamos que o sujeito J selecionou os elementos necessários para a construção de uma oração; contudo, teve dificuldade em ordená-los, realizando uma inversão entre o verbo e adjunto adverbial na estrutura sintática.

Ainda em relação ao segundo objetivo, porém no que diz respeito a dificuldades de seleção, passemos às seguintes ocorrências:

#### Ocorrência 10:

**J:** cê quer guardar?

**T:** não vamos guardar agora

**J:** já te levo embora

**T:** coloca a roupa no nenê pra ele dormir

**J: (quer pôr sacola?)**

**T:** toma põe a roupa

**J: quer pôr sacola**

**T:** não vai pôr na sacola ainda

#### Ocorrência 11:

**J:** a tia tá ti ... a tia tá tirano **a fota**

#### Ocorrência 12

|     |   |                                         |                                                      |
|-----|---|-----------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 022 | T | cê vai dormir aí J ... na cama do nenê? | J continua olhando para T.                           |
| 023 | J | aí ((sussurro))                         | J continua olhando para T enquanto fala sussurrando. |
| 024 | T | vai dormir na cama do nenê?             | J levanta-se.                                        |
| 025 | J | <b>tir/tiro a cama</b>                  | <b>J retira o lençol da cama de brinquedo.</b>       |

Os trechos em negrito, nas ocorrências 10 e 11, mostram que o sujeito J possui dificuldades em selecionar elementos lingüísticos mais específicos, tanto no plano sintático, como preposições de

uma estrutura oracional, quanto no plano morfológico, como na seleção de um morfema de acordo com o padrão lingüístico.

Já na Ocorrência 12, observamos que o sujeito J apresentou dificuldade em preencher a cadeia sintagmática, pois deixa de selecionar um item lexical necessário para a compreensão de seu enunciado “tirou o lençol da cama”. Em outras palavras, a transcrição não-verbal parece mostrar que o sujeito J deixou de selecionar um elemento que seria adequado para a construção da cadeia sintática de acordo com o padrão lingüístico – talvez porque, com seu gesto, preencheria, para seu interlocutor, o sentido do enunciado que produziu.

Vimos, na Ocorrência 02, que o sujeito A também apresenta dificuldade no eixo da seleção. Mas essa dificuldade, como vimos nessa ocorrência, é de natureza diferente daquelas verificadas no sujeito J, pois não resulta numa cadeia sintagmática problemática de acordo com as regras da língua. Essa dificuldade, no sujeito A, como já dito anteriormente, está mais voltada para a coerência entre as situações enunciativo-discursivas e para a organização dos planos discursivos, diferentemente de J, que, além dessas, apresenta dificuldades também em diferentes planos da língua.

Dessa forma, considerando como *enunciados simples* aqueles que não mobilizam encaixes de planos discursivos e como *enunciados complexos* aqueles em que se verificam encaixes, vejamos o quadro abaixo, que melhor explicita a natureza das dificuldades de concatenação e de seleção de elementos lingüísticos nas crianças (A e J), tanto nos planos enunciativos-discursivos como nos planos da língua.

| Sujeito  | Planos enunciativos-discursivos |            | Planos da língua    |                |              | Total de enunciados |
|----------|---------------------------------|------------|---------------------|----------------|--------------|---------------------|
|          | Simples                         | Complexos  | Fonético-Folológico | Morfosintático | Lexical      |                     |
| <b>A</b> | 65<br>(17,43%)                  | 23 (6,17%) | 0 (0,00%)           | 0 (0,00%)      | 1<br>(0,27%) | 373 (100%)          |
| <b>J</b> | 335<br>(81,90%)                 | 0 (0,00%)  | 2 (0,49%)           | 6 (1,47%)      | 0<br>(0,00%) | 409 (100%)          |

Quadro 01. Natureza das dificuldades de concatenação e de seleção nas crianças (A e J).

Este quadro mostra que o sujeito A apresenta, com relação aos planos enunciativos-discursivos, dificuldades tanto em relação a enunciados simples como em relação a enunciados complexos. Seria de se esperar que essa dificuldade fosse maior em enunciados complexos do que em enunciados simples. No entanto, nos enunciados complexos, o sujeito A ancora-se em

enunciados citados, fato que contem, em parte, a deriva sempre latente na produção discursiva. Já nos enunciados simples, em que a ancoragem num discurso citado não se verifica, o sujeito mostra menos controle da deriva do dizer.

No que diz respeito a dificuldades nos planos da língua, este sujeito apresentou quantidade insignificante, estatisticamente. Assim, quase em totalidade, o sujeito A mostra não possuir dificuldades em preencher a cadeia sintagmática, nos planos fonológico, morfológico e sintático, de acordo com as regras da língua.

Em J, de acordo com o quadro acima, as dificuldades nos planos enunciativos-discursivos se dão somente na forma de enunciados simples. Esse fato seria previsível, já que não detectamos, nesse sujeito, nenhum momento de encaixe de discursos – o que indicia uma condição enunciativo-discursiva mais desfavorável em relação ao sujeito A. No que diz respeito aos planos da língua, mesmo as dificuldades sendo muito inferiores em relação às dificuldades nos planos enunciativos-discursivos, comparativamente elas apontam para diferenças muito pequenas entre as duas crianças, já que o sujeito A praticamente não as apresenta e o sujeito J as apresenta, com baixíssima diferença percentual, especialmente no plano sintático.

Assim, apesar de termos observado peculiaridades no funcionamento lingüístico das crianças envolvidas na pesquisa, as ocorrências 03, 04, 05, 06 e 07, representativas do conjunto de nossos dados, sugerem que ambos os sujeitos (A e J) parecem possuir um EU “frágil”, não se protegendo da heterogeneidade constitutiva e, dessa maneira, não se colocando como sujeito “fonte de seu discurso”, ilusão necessária constitutiva do sujeito e de seu dizer. Assim, não encontramos na grande maioria dos enunciados desses sujeitos, formas marcadas de distância (denegação) para remeter a si, como “sujeito enunciador, utilizador e dono do seu pensamento” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32) .

Nestes enunciados, pelo fato de o sujeito não se proteger da heterogeneidade constitutiva, a deriva se instala sem contensão. Assim, o sintoma de linguagem característico dos dois sujeitos deixa mais fortemente mostrado que “toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e que este ‘é mais falado do que fala’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Portanto, nas ocorrências destacadas, notamos que os sintomas de linguagem mostram, de modo privilegiado, a emergência de “buracos” na unicidade aparente do discurso – embora de diferentes modos em cada um dos sujeitos. Em A, esse esburacamento se dá, principalmente, por deslizos enunciativos e pela dificuldade de o sujeito marcar seus referentes discursivos. Em J, é a

grande dificuldade em concatenar seus enunciados com os do interlocutor que mostra, de modo predominante, os esburacamentos.

Dessa forma, em ambos os sujeitos, os necessários “esquecimentos” da produção discursiva (PÊCHEUX; FUCHS, 1990) muitas vezes não se verificam. Em ambos os sujeitos, os sintomas de linguagem podem, pois, ser caracterizados como falta de contenção do interdiscurso (esquecimento nº 1) e como falta da constituição de uma fonte (ilusória) do sentido (esquecimento nº 2), fato este mais diretamente mostrado pela não-contenção das relações parafrásticas do sentido.

No sujeito A, a dificuldade com relação ao primeiro esquecimento se dá em situações como a Ocorrência 03, situação em que o discurso do Outro emerge no discurso do sujeito sem marcas de referentes – embora, em alguns momentos, seja possível detectar pistas da separação entre estes, como mudanças prosódicas. Ainda sobre o sujeito A, com relação ao segundo esquecimento, nas ocorrências 04 e 05, os trechos em negritos mostram deslizos enunciativos-discursivos nos quais aparecem elementos em relação de paráfrase, fato que indicia a dificuldade do sujeito em se ver, ilusoriamente, como fonte do sentido de sua produção discursiva. Mais especificamente na Ocorrência 04, os significantes “papai”, “homem”, “mal” e “do bem” parecem estar em relação parafrástica numa mesma “matriz de sentido”. Justamente por não se proteger deste esquecimento é que ocorre o deslize enunciativo-discursivo do sujeito, marcando o conflito entre estes significantes. Na ocorrência 05, o deslize enunciativo-discursivo (trecho em negrito) mostra outros significantes em relação parafrástica, todos eles nomeando fantoches. Vê-se, na transcrição dos dados, que o sujeito A não consegue se desprender de toda a cadeia, já que não resgata (ou não mostra) um novo significante para nomear um novo fantoche.

No sujeito J, também há dificuldades tanto em relação ao primeiro como em relação ao segundo esquecimento. Como vimos nos trechos em negrito nas ocorrências 06 e 07, há grande dificuldade do sujeito em esconder o interdiscurso e a explicitação da família parafrástica, mostrada em quase todos os seus enunciados.

Assim, por não se protegerem desses esquecimentos, há instabilidade de pontos de ancoragem, como aqueles característicos de uma situação de enunciação (o eu-aqui-agora), e de eixos de referência (eixos das pessoas, dos tempos, das localizações), sugerindo “um abalo na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem” (PÊCHEUX, 1975, p. 174).

Passemos, por fim, aos resultados relacionados ao nosso terceiro objetivo. Para tanto, vejamos mais dados de ambos os sujeitos:

**Ocorrência 13:**

T: é ...e o que que você fez de bom?

A: meu pai foi na minha festa

T: seu pai foi na sua festa?

A: minha ... minha

T: quem?

A: o MEU pai na MINHA casa

T: seu pai foi na sua casa?

A: foi

T: é

A: é ... eu falei ... ó ... ó ... pai ( ) (me enganar) ... **sabe a gente falha né?**

T: seu pai falou isso?

A: (sim) ... eu fiquei assim ó

Nesta ocorrência, observamos, no eixo sintagmático, que o discurso de A deixa aflorar outros discursos constitutivos de seu dizer e que estariam em relações parafrásticas (PÊCHEUX; FUCHS, 1990) no eixo paradigmático, fazendo com que diferentes referentes discursivos sejam mobilizados sem serem marcados. Dando-se conta dessa dispersão, T realiza uma contenção da deriva (aberta pela enunciação de dizeres de diferentes planos de enunciação e enunciadores), para estruturar o discurso de A – contenção aceita pela criança.

**Ocorrência 14:**

T: então arruma a cama ... arruma a cama dele

**J: que cê tá fazendo nenê?**

T: arruma a cama dele

**J: (vou) dormir**

T: ah não ... você vai dormir? ... então eu vou dormir também

**J: cê quer água?**

T: não tô com sede agora

**J: cê quer ir embora?**

T: se eu quero ir embora? ah ... cê acabou de chegar ... perguntando se eu quero ir embora ... a gente acabou de chegar

**J: cê cê cê cê quer água?**

T: não

**J: a tia tá tirando a foto**

T: ((risos)) a tia tá tirando a foto ... né? ela vai ficar aqui um pouquinho ... com a gente

**Ocorrência 15:**

**J: (quer) sentar**

T: então senta aqui:: ó (( mostra a cadeirinha para J))

**J: tá começando ( ) silêncio**

T: aonde vai pôr {essa cadeira?

**J: {silêncio**

T: silên::cio ... só ... na ... sala de aula ... né? a professora fala assim pra você?

**J: vou sentar**

T: silêncio ... ah cê vai sentar pra fazer lição?

**J: vou fazer lição ((ameaça sentar na cadeirinha))**

T: (vai) fazer lição?

**J: cê tá {sentadinha ((J. senta na cadeira))**

T: {cuidado pra não caí

Nas ocorrências 14 e 15, notamos, no sujeito J, dificuldades mostradas no eixo sintagmático, já que não se verifica concatenação do dizer desse sujeito com o dizer do interlocutor. Fato a ser destacado é que essa dificuldade ocorre tanto quando T e J enunciam de diferentes lugares discursivos, como na Ocorrência 14, como quando enunciam de um mesmo lugar discursivo, como na Ocorrência 15.

Dessa forma, a partir das ocorrências apresentadas, verificamos que, mesmo a dificuldade de concatenação sendo diferente nos sujeitos A e J, em ambos, o que ocorre predominantemente neste eixo é a justaposição de dizeres que estariam em relação parafrástica no eixo paradigmático.

Dessa maneira, é possível pensar que a justaposição de dizeres verificada tanto em A quanto em J indicariam momentos de heterogeneidade mostrada não-marcada, de acordo com Authier-Revuz (1990, p. 34), na medida em que esse conjunto de fissuras, “junções que funcionam como costuras escondidas sob a unidade aparente de um discurso” pode em parte evidenciar elementos do interdiscurso dos sujeitos.

Vimos, pois, que ambos os sujeitos trazem características do que esta autora coloca em seu trabalho. Com efeito, as diversas formas de heterogeneidade mostrada em sua relação com a heterogeneidade constitutiva remetem ao corpo do discurso e à identidade do sujeito. Dessa maneira, nos casos da presença de formas de heterogeneidade mostrada não marcada, como nos sujeitos A e J, sujeito e discurso ficam devotados à perda, e estas formas não marcadas ficam, então, representadas pela incerteza que caracteriza a referência ao outro. Tal modo de negociação com a heterogeneidade constitutiva se firma de maneira mais arriscada, “porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser confirmado mas também onde pode se perder” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34).

Tais dissoluções ficam mais mostradas no sujeito A. Como um dos sintomas de linguagem desse sujeito é o não apagamento de cenas enunciativas-discursivas que ocorreram anteriormente à produção de seus enunciados, os referentes discursivos emergem na cadeia sintagmática sem serem marcados. Diferentemente, no sujeito J, essa dissolução se faz presente pelo não descarte de outras formas possíveis de dizer, mostrando assim sua dificuldade em lidar com a falta e, conseqüentemente, de se constituir como sujeito (TFOUNI, 2001).

Em ambas as crianças, as dificuldades de seleção e, principalmente, de concatenação acabam por evidenciar uma dificuldade que talvez lhes seja ainda maior, a de organização da heterogeneidade do próprio discurso. Na criança A, essa última dificuldade talvez seja explicada pela hipótese de que, nos momentos em que vários “outros” emergem em seu discurso, a criança, capturada por esses “outros” constitutivos de seu dizer, perde a ilusão necessária do “sujeito enunciador, capaz de escolhas, intenções e decisões” e reproduz fragmentos de enunciados desses “outros”, flutuando em seu centro enunciativo (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

Já na criança J, os indícios da ilusão necessária do “sujeito enunciador” são raros, justificando as dificuldades que apresenta. As dificuldades nos eixos de organização da linguagem que temos observado nas duas crianças parecem, pois, mostrar, nas palavras de Authier-Revuz (1990), dificuldades de *negociação com as formas centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva* (op., cit., p. 33).

## Considerações Finais

Com o desenvolvimento deste trabalho, acreditamos poder ter trazido contribuições não só para o campo de pesquisa no qual o trabalho se insere (o diálogo entre estudos desenvolvidos no campo lingüístico e estudos desenvolvidos no campo fonoaudiológico), como também para nossa própria formação acadêmica.

No que se refere às contribuições para o campo de pesquisa, acreditamos ter trazido contribuições para:

(a) a literatura sobre aquisição de linguagem, principalmente com relação aos aspectos do desenvolvimento lingüístico de sujeitos com fala sintomática, pois pudemos verificar algumas das possíveis dificuldades com o funcionamento dos dois eixos de organização dos elementos lingüísticos (eixo sintagmático e eixo paradigmático);

- (b) a compreensão das dificuldades que enfrentam as crianças em seu trabalho com aspectos dialógicos do dizer, pois, além de verificar diferentes tipos de dificuldade com relação ao funcionamento dos eixos sintagmático e paradigmático, verificamos que tais dificuldades são peculiares a diferentes sujeitos;
- (c) a busca de explicações que permitam facilitar a prática terapêutica, bem como o convívio dos circunstantes e familiares de crianças com problemas de linguagem, já que, a partir da consideração das peculiaridades do funcionamento da linguagem em cada sujeito pode-se melhor direcionar o trabalho terapêutico, inclusive com relação às orientações oferecidas aos familiares e circunstantes, podendo torná-los mais atuantes na contribuição do processo terapêutico;
- (d) um melhor intercâmbio entre as pesquisas de natureza fonoaudiológica e as de natureza lingüística sobre os chamados distúrbios da comunicação, já que as análises realizadas buscaram levar, para a Fonoaudiologia, subsídios teórico-metodológicos extraídos de trabalhos desenvolvidos no campo lingüístico; e,
- (e) principalmente, fornecer subsídios para o trabalho clínico que é desenvolvido com a linguagem em áreas do conhecimento como a Fonoaudiologia, já que os resultados a que chegamos poderão contribuir tanto para a avaliação das dificuldades de sujeitos com problemas de linguagem, quanto para o trabalho terapêutico com esses sujeitos.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.277-326.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas : Ed. da Unicamp, 1990. p. 163-252.

TFOUNI, L. V. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas : Mercado de Letras, 2001; p. 77-94.

Recebido em: 17/04/2009

Aprovado em: 05/10/2009